



SORORIDADES

Grupo Antifascista Miguel Torga

Os japoneses chamavam-lhes mulheres-conforto. A história começa na China em 1937, com a tomada de Nanquim, tendo-se espalhado por todos os territórios que foram dominando. Centenas de milhares de mulheres chinesas foram raptadas, violadas e usadas a bel-prazer pelas tropas japonesas. Quando eclodiu a II Guerra Mundial, o exército japonês pôs em prática este sistema nos países que invadiu: Coreia do Sul, Taiwan, Singapura, Mianmar (ex-Burma), Vietname, Tailândia, Filipinas. Em todos, roubou mulheres, tornou-as prisioneiras, arrastou-as atrás de si, violou-as repetidamente todos os dias, torturou-as, matou-as.

Desde sempre as mulheres foram vítimas da crueldade sistemática dos exércitos em tempo de guerra. Contudo, a dor, o desespero e a desolação causados por este ultraje sistemático, talvez por ter acontecido num outro continente, raramente são tema de linha da frente.

Katie Shevlin, fotógrafa, escritora e viajante, já visitou 60 países e tem em cada um deles recolhido material fotográfico e testemunhos dos problemas e das lutas das mulheres. Em Janeiro deste ano, depois de ter estado em Seul, Coreia do Sul, deixou no seu blogue – que a revista online Women Being, editada na Escócia pela portuguesa na diáspora Mónica Martins, acolhe – um artigo sobre as sobreviventes coreanas. Eis alguns excertos:

«Desde que a primeira sobrevivente coreana Kim Hak-Sun apresentou sua história em 1991, centenas de outras mulheres começaram lentamente a falar sobre as atrocidades cometidas pelos militares japoneses. Isso evoluiu para manifestações semanais pacíficas realizadas em frente da Embaixada japonesa.

«Embora tenha acontecido há 60, 70 ou 80 anos, elas ainda sentem vergonha. As suas vidas foram dominadas e destruídas completamente, pelo que lhes aconteceu. Mas ainda assim, todas as semanas vêm aqui para tentar obter o reconhecimento pelo que sofreram»

«Fomos detidas perto de quartéis militares, às vezes em acampamentos murados. Os soldados estupravam-nos, batiam-nos e torturavam-nos repetidamente, várias vezes ao dia».

Muitas mulheres que voltaram dos lugares de detenção guardaram disso segredo toda uma vida; as que o não fizeram foram condenadas ao ostracismo por suas famílias e comunidades. Ter relações sexuais fora do casamento e, pior ainda, ser prostituta era visto como algo que envergonhava não apenas a própria pessoa, mas a toda a família. Isso levou algumas mulheres a decidirem morar juntas em abrigos espalhados por toda a Coreia do Sul.

«Na Coreia, as mulheres são comparadas a trapos que, uma vez 'deixados cair' e 'sujos', nunca mais ficarão limpos». «Sim, essa ainda é a atitude», qua-

se 100 anos após as primeiras mulheres terem sido forçadas à prostituição, em 1930.»

Apesar de na Coreia do Sul e em outros países se terem organizado para exigir justiça – reconhecimento, desculpas e reparação – todos estes anos depois ainda não a obtiveram.

No conforto ocidental que nos permite fazer as nossas reivindicações sem que grandes males daí nos advenham, lembremos e solidarizemo-nos com estas mulheres que em lugares menos acolhedores estão ainda lutando em condições aberrantes de abandono pelos seus próprios governos que preferem não beliscar as suas relações com o governo japonês a defenderem a sua população feminina em sofrimento há quase um século.

No próximo dia 8 de Março, assinala-se o Dia Internacional das Mulheres. A razão do plural “mulheres” vem de ele ser o dia de todas as mulheres e não de uma espécie de mito da Mulher, que é coisa que não existe. Somos biliões e cada uma de nós é uma mulher diferente. Mulheres, pois.

A Rede 8 de Março chama as mulheres a assinalar este dia. Façamo-lo sem esquecermos a solidariedade que devemos umas às outras e, este ano em particular, a estas mulheres asiáticas que correm o risco de perderem as últimas sobreviventes, devido à sua já avançada idade, sem que tenham visto justiça feita.



PRESIDENCIAIS 2021

O PERIGO FASCISTA CRESCE, MAS A RESISTÊNCIA ESTÁ NA RUA

Rede Unitária Antifascista

O resultado das eleições presidenciais do dia 25 de Janeiro de 2021 foi simultaneamente previsível e amargo. Previsível pela vitória esmagadora do atual Presidente Marcelo Rebelo de Sousa; amargo pela corrida renhida entre Ana Gomes e André Ventura, e pela débil votação em João Ferreira e Marisa Matias.

Durante o período de campanha, a Rede Unitária Antifascista (RUA) não foi meramente um espectador passivo. Começando por criticar a falta de uma unidade à esquerda, apelamos de seguida ao voto nas três candidaturas, em linha com as diversas opiniões que se manifestam dentro da nossa rede, e apelámos à necessidade de ir votar. Mas, acima de tudo, apoiamos as manifestações antifascistas que aconteceram pelo país e que marcaram a campanha a nível nacional.

O PERIGO FASCISTA CRESCE

Durante a campanha, o candidato racista encontrou, em quase todas as suas paragens, contestação popular. Começando por aquela que dava a “Mal-Vinda” a Le Pen em Lisboa, passando pela icónica manifestação cigana em Serpa e pelo hilariante caso do esqueleto. Estas manifestações, que brotaram por todo o país, revelaram setores da juventude e do povo consciente e dispostos a lutar contra o retro-

cesso civilizacional que esta campanha representa. Foi esta força que impediu uma marcha vitoriosa de Ventura, que se viu constringido por não conseguir mobilizar as suas bases. Tal constringimento foi posto a nu pelo jocoso espetáculo de teorias da conspiração, com supostas carrinhas que transportavam os manifestantes. Estas mobilizações são de máxima importância, por darem corpo a uma resistência que será necessária daqui para a frente.

Apesar destas mobilizações, as urnas contaram uma outra história. Mesmo tendo perdido o segundo lugar, o candidato de extrema-direita foi quem saiu mais reforçado eleitoralmente desta campanha, conseguindo angariar mais 400 mil votos que nas legislativas. Estes números revelam que a ala mais autoritária do capitalismo está em crescendo.

A ESQUERDA SAI ENFRAQUECIDA

Não há dúvida que a esquerda deve refletir seriamente depois daquele que é o seu pior resultado de sempre numas presidenciais. É certo que parte desse resultado vem do PS não ter apoiado formalmente nenhum candidato, reforçando a candidatura de Marcelo. Mas isso, por si só, não explica as baixas votações em Ana Gomes, muito menos em Marisa Matias e em João Ferreira.

O grande erro que a esquerda cometeu nestas eleições foi precisamente aquele que a RUA apontou: a inexistência de uma candidatura única de esquerda que fosse alternativa a Marcelo e Ventura. Uma candidatura única seria capaz de relegar Ventura para um distante 3º lugar, atrás de toda a esquerda. Em vez disso, os diferentes partidos organizam-se numa lógica exclusivamente eleitoralista, pondo os interesses dos seus aparatos partidários à frente dos interesses do povo.

A RUA tem também apontado o vazio de uma oposição antissistema. Este vazio tem vindo a ser preenchido por Ventura, apesar de ele não ser realmente antissistema. Todos os candidatos de esquerda (e Marcelo) estão, de certa forma, ligados à solução governativa atual, o que torna fácil a Ventura o trabalho de se declarar como a única oposição. Urge a construção de uma esquerda realmente combativa e antissistema para dar resposta ao (justo) descontentamento popular. Que aponte os problemas de corrupção, o financiamento ilegítimo na banca, a precariedade laboral, os salários de miséria, etc. Ou seja, uma esquerda que se demarque do Governo, que enfie milhões na banca enquanto que o povo aperta cada vez mais o cinto.

A LUTA CONTINUA

Para além desta luta política, estas presidenciais vieram mostrar também que a luta contra a extrema-direita e o fascismo se faz sobretudo nas ruas. O fascismo tenta conquistar a rua, mas a rua é do povo! Lisboa, Serpa, Castelo Branco, Vila Real, Guimarães, Coimbra e Leiria mostraram que o combate se faz em unidade e na rua. Expuseram uma juventude e um povo que não esqueceu os quase 50 anos de ditadura, e que está disposto a tudo para manter essa Liberdade.

Temos, portanto, o dever de nos organizarmos para lutar coletivamente e diariamente, para fazer política junto do povo trabalhador que tudo tem a perder com o fascismo. Na rua, a impedir a mobilização das forças reacionárias, onde quer que elas apareçam. E a exigir uma alternativa viável para as ansias populares.

LEI DE (IN) SEGURANÇA GLOBAL NA FRANÇA

Núcleo Antifascista de Braga



A França, semana após semana, tem estado na rua! Efetivamente, desde dezembro não há fim de semana em que os franceses não venham para a rua contestar a “Lei de Segurança Global”, aprovada no dia 24 de novembro de 2020.

A contestação é efetuada pelos mais diversos escalões da sociedade, desde estudantes, professores, jornalistas, advogados, ...toda a classe operária, associações e sindicatos. Na realidade, não há ninguém que não esteja revoltado com o que está decretado neste projeto de lei liberticida (literalmente, aquela que cerceia a liberdade) no qual se manifesta o desejo de Emmanuel Macron e Gérald Darmanin de instaurarem um Estado Totalitário em França.

Trata-se de um decreto-lei que visa reforçar os poderes das forças policiais tanto públicas como privadas e avaliza o uso de drones por parte do aparelho de Estado destinado à vigilância e eventual repressão generalizada de toda a população. Um dos objetivos principais desta lei, embora pouco divulgado, reporta-se à desculpa de que o combate ao terrorismo possa prever agentes de segurança pública armados, mesmo fora de serviço. Ora, é sobejamente conhecido que outras experiências similares em países da

américa latina serviram de exemplo para mostrar que essa situação pode originar atividades ilegais por parte desses agentes como seja a formação de milícias paramilitares.

O ponto mais polémico é sem dúvida o art. 24, que proíbe a divulgação de imagens da polícia em casos que comprometam a sua integridade física e psicológica : « ... Est puni d'un an d'emprisonnement et de 45 000 euros d'amende le fait de diffuser, par quelque moyen que ce soit et quel qu'en soit le support, dans le but qu'il soit porté atteinte à son intégrité physique ou psychique, l'image du visage ou tout autre élément d'identification d'un fonctionnaire de la police nationale ou d'un militaire de la gendarmerie nationale lorsqu'il agit dans le cadre d'une opération de police. »

Neste artigo, inicialmente, estava estipulado que quem divulgasse a face ou alguma imagem referente aos dados pessoais das forças policiais podia ser punido com um ano de prisão e 45 mil euros de multa.

Torna-se claro que um dos objetivos deste decreto é proibir o povo de se manifestar e encorajar o abuso de poder, especialmente com violência física, por parte da polícia. A polícia francesa persegue os manifestantes e até mes-

mo os jornalistas com bastonadas e com prisões, e é por isso que querem que as imagens não sejam divulgadas para o povo não reagir e se revoltar.

“*Um dos objetivos deste decreto é proibir o povo de se manifestar e encorajar o abuso de poder por parte da polícia.*”

Por outro lado, esta lei da Segurança Global também tem como objetivo privar o cidadão de informação, impedindo-o de agir.

A França quer instaurar uma política de medo, primeiro passo para instaurar e posteriormente reforçar o Estado Totalitário através da concessão de mais latos poderes à polícia. Paralelamente com o disposto anteriormente, restringe a liberdade de imprensa, do direito à informação e expressão, bem como o direito de manifestação popular em locais públicos.

Não nós esquecemos que a França é um referencial ao longo da História Ocidental de contestação social a par da luta pelos direitos e liberdades individuais e públicas: “Liberté, Égalité et Fraternité”.

SEM LEGENDA

MARKUR

Plataforma Antifascista de Lisboa e Vale do Tejo

PETIÇÃO CONTRA A NORMALIZAÇÃO E NATURALIZAÇÃO DA EXTREMA DIREITA

Núcleo Antifascista dos Açores

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores,

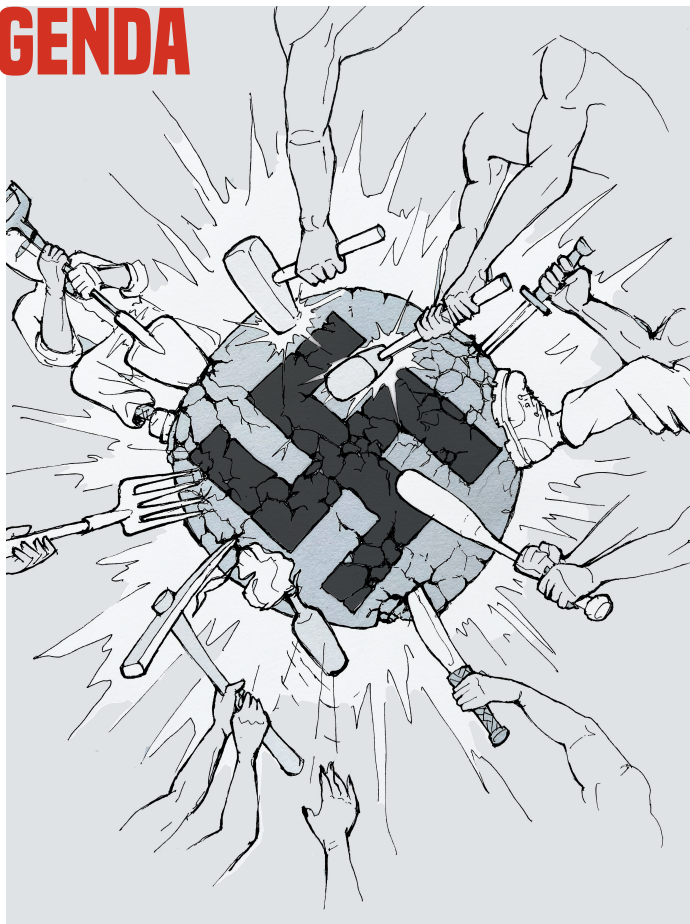
No passado dia 24 de novembro tomou posse o XIII Governo Regional dos Açores. José Manuel Bolieiro tornou-se, assim, o seu quinto presidente, em resultado das eleições regionais realizadas em outubro passado. Bastou a leve sensação de poder para que o PSD, o CDS e o PPM cedessem a pressões nacionais e cooperassem com o CH. Que se note que esta estava longe de ser a única solução governativa. Estes partidos são, pois, coniventes com a ressurreição mediática da extrema-direita.

O apoio do Chega ao atual governo constitui uma verdadeira ameaça à democracia: com uma coligação minoritária que precisa desesperadamente do seu suporte, existe um espaço de manobra para que este partido possa influenciá-la no seu discurso e ação. Esta oportunidade está lamentavelmente exposta no programa de governo apresentado no início de dezembro: uma defesa acérrima da meritocracia e do

mercado livre.

No acordo estabelecido entre os partidos refere-se que o combate à «subsidiodependência» da população ativa, no entanto isto não é nunca dito em público, com o objetivo de demonizar aqueles mais desfavorecidos. Interessante é, também, o facto de não ter um plano para gerar o emprego necessário para poder reduzir o número de beneficiários, o que ainda se deve tornar mais difícil pela missão de reduzir o papel das instituições democráticas na economia.

Não se contempla o aumento dos salários, nem o combate à precariedade. Os direitos laborais são postos em causa. O CH ignora o verdadeiro problema: os privilégios e poderes da elite. Enquanto vocifera contra os mais desfavorecidos, é um cobarde no combate aos poderosos, até porque são estes que o alimentam.



Assim se dá a normalização da extrema-direita. Um discurso vazio e aparentemente inofensivo que cavalga na onda do populismo. Este é um assunto muito sério que não pode ser tratado como menor. Vivemos no meio de uma crise sanitária, de uma crise climática e de uma crise social, não precisamos de outra.

O XIII Governo Regional é uma vergonha nacional! Precisamos de garantir que não volta a acontecer. Desta forma, os signatários consideram premente que a Assembleia Regional debata sobre a normalização da extrema-direita, que o XIII Governo Regional está a promover.

accede à petição aqui



O FASCISMO COMBATE-SE NA RUA

A RUA pauta-se pela unidade e organização na ação contra o fascismo, machismo, racismo, xenofobia, LGBTQ+fobia e todas as outras formas de opressão. Junta-te a nós.

CONTACTA-NOS

- fb.com/Redeunitariantifascista
- @redeunitariaantifa
- www.antifascistas.pt
- redeunitariaantifascista@protonmail.com